



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15564 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT11 - Política da Educação Superior

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ELEMENTO DE QUALIDADE OU DESIGUALDADE?**

Jéssica Reis Evangelista - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fapesp

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ELEMENTO DE QUALIDADE OU DESIGUALDADE?**

## 1 INTRODUÇÃO

O presente texto contesta o modelo hegemônico de internacionalização da educação superior, compreendido como parte inerente das universidades no mundo contemporâneo, integrando-se aos princípios que norteiam as atividades de ensino, pesquisa e extensão (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012). Nessa ótica, a internacionalização é entendida como sinônimo de qualidade e como elemento indispensável na formação de cidadãos globais e no desenvolvimento econômico e científico do país. Em outras palavras, é inaceitável não internacionalizar as instituições de ensino superior (IES).

Em direção oposta, trabalhamos com a tese de que a atual internacionalização das IES brasileiras, desenvolvida pelo Estado por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) está fortalecendo o processo de diferenciação e hierarquização entre instituições de educação superior, níveis de ensino e áreas do conhecimento. Para tal, analisamos a natureza dos atuais programas, projetos e ações da Capes, com destaque para os dados disponibilizados no GeoCapes. Ademais, pautamo-nos em fontes bibliográficas e documentais sobre internacionalização das IES.

## 2 INTERNACIONALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Atualmente, a Capes (2024) possui dois projetos institucionais para a

internacionalização da educação superior, são eles: o Programa Brasil-Estados Unidos de Modernização da Educação Superior na Graduação (PMG-EUA) e o Programa Institucional de Internacionalização (CAPES PrInt). O PMG foi lançado em 2019 com o intuito de “formar redes de colaboração acadêmica entre o Brasil e os EUA para o aprimoramento da qualidade da educação na graduação e alinhamento com as tendências internacionais da área de engenharia” em um período de até 8 anos (CAPES, 2018). O projeto, apoiado em análise de mérito acadêmico e científico, selecionou 8 Projetos Institucionais de Modernização, sendo 4 de instituições públicas e 4 de instituições privadas sem fins lucrativos, localizadas no Sudeste (4), no Sul (3) e no Nordeste (1). As demais regiões (Norte e Centro-Oeste) não foram contempladas.

O CAPES PrInt foi lançado em 2017 com o intuito de “fomentar a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de internacionalização das instituições” de educação superior brasileiras em um período de até 4 anos (CAPES, 2017a). Para Morosini, Woicolesco, Marcelino e Hatsek (2023), o projeto inaugura uma nova perspectiva de internacionalização, pautada em ações abrangentes que objetivam desenvolver políticas no âmbito do ensino, da pesquisa, da extensão e da gestão universitária. Apesar disso, os objetivos específicos do PrInt revelam preferência por ações ligadas aos programas de pós-graduação - constatação observada nos critérios de seleção das IES, uma vez que o projeto visava contemplar até 40 projetos institucionais de internacionalização com base na Avaliação Quadrienal dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* (PPG) de 2017 que possuíam 4 programas recomendados pela Capes, sendo pelo menos 2 cursos de doutorado (CAPES, 2017a).

A seleção foi baseada em 23 indicadores, distribuídos em 4 blocos que consideraram o número de PPG com nota 5, 6 e 7, a qualidade da produção científica, a colaboração internacional, o financiamento de projetos por instituições estrangeiras, a estrutura institucional para o desenvolvimento do programa (bloco 1), a experiência em atividades de gestão científica, tecnológica e acadêmica no Brasil e no exterior (bloco 2) e a capacidade das universidades em implementar, desenvolver e avaliar o projeto (blocos 3 e 4) (CAPES, 2017b). Desse modo, constata-se que o programa pretendia contemplar universidades e/ou institutos de pesquisa com algum nível de internacionalização ao invés de fomentar, de fato, a construção e a implementação da dimensão internacional em universidades que carecem de tal apoio.

Assim, foram selecionados apenas 36 Projetos Institucionais de Internacionalização de IES majoritariamente públicas federais (27) localizadas na região Sul (8) e Sudeste (20) -

em contrapartida nenhuma IES da região Norte foi selecionada. Ademais, vale notar que a Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA) e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), ambas instituídas para a integração regional e com foco na cooperação Sul-Sul, não foram contempladas pelo programa em questão.

Ressalta-se também que o programa PrInt orienta as IES selecionadas no que diz respeito aos países prioritários para o estabelecimento de parcerias internacionais, sendo 70% com os seguintes países: África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, China, Coreia do Sul, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Índia, Irlanda, Itália, Japão, México, Noruega Nova Zelândia, Países Baixos, Reino Unido, Rússia, Suécia e Suíça e 30% com instituições de outro países em consonância com o interesse de cada IES (CAPES, 2017a).

A partir da experiência com o PrInt, a Capes (2020) elaborou um documento intitulado “Guia para Aceleração da Internacionalização Institucional com foco na Pós-graduação *Stricto sensu*”. O referido documento apresenta um caminho progressivo para a internacionalização plena das universidades brasileiras e alcance do status de universidade de classe mundial com base em critérios do sistema de ranqueamento internacional.

A respeito disso, Fernanda, Stallivieri e Moraes (2017) analisam que os rankings acadêmicos globais são constituídos por indicadores quantitativos de internacionalização e focalizados na produção de pesquisa internacional, revelando, portanto, uma visão reduzida do que significa internacionalizar. Ademais, indicam que há um direcionamento das IES para uma perspectiva empresarial de ensino e produção acadêmica marcada pela produtividade, competitividade e eficiência. Por fim, o guia não considera as diferentes realidades das IES brasileiras em termos de pesquisa, ensino e extensão. Ao contrário, independente do ponto de partida, almeja construir modelos de excelência acadêmica mediante análise de mérito.

O breve panorama apresentado indica que a internacionalização institucional desenvolvida pelo Estado brasileiro ainda não contempla toda a comunidade universitária, tampouco todo o sistema de educação superior. Observa-se, porém, um direcionamento para a internacionalização da pós-graduação, a cooperação internacional com países do Norte global em detrimento da integração regional (Sul-Sul), um foco específico nas engenharias (PMG-EUA) e a participação desigualdade entre IES e regiões brasileiras.

## 2.1 INTERNACIONALIZAÇÃO DOS NÍVEIS DE ENSINO

Em 2011, Morosini identifica a prevalência de um modelo periférico de internacionalização das IES brasileiras dado que as ações internacionais eram, predominantemente, desenvolvidas na pós-graduação e não no âmbito universitário como um todo. Perspectiva também observada por Neves e Barbosa (2020) no que diz respeito ao pouco incentivo e investimento em mobilidade internacional para estudantes de graduação. A internacionalização dos níveis de ensino pode ser observada por meio dos dados disponibilizados no Geocapes. O indicador selecionado no momento da busca foi a “Distribuição de Bolsistas da Capes no Exterior” com foco na concessão de bolsas de “Graduação Sanduíche” e “Doutorado Sanduíche”.

**TABELA 1:** Quantitativo de bolsas de Graduação Sanduíche e Doutorado Sanduíche concedidas pela CAPES nos anos 2000 a 2021

Ano	Graduação Sanduíche	Doutorado Sanduíche	Ano	Graduação Sanduíche	Doutorado Sanduíche
2000	470	661	2011	2.446	2.308
2001	418	710	2012	6.190	3.217
2002	268	836	2013	17.972	3.949
2003	253	962	2014	33.991	5.111
2004	422	1.013	2015	29.579	5.236
2005	622	1.296	2016	10.593	2.251
2006	648	1.526	2017	1.975	4.980
2007	676	1.489	2018	1.685	4.182
2008	787	1.548	2019	1.479	4.545
2009	891	1.677	2020	766	2.463
2010	1.473	1.890	2021	819	1.646

**Fonte:** elaborado pela pesquisadora a partir dos dados disponibilizados pelo Geocapes (2024)

Com base na tabela apresentada, observa-se que até o ano de 2010 a distribuição de bolsas no exterior pela Capes destinava-se, de forma expressiva, aos estudantes de doutorado. No entanto, a partir de 2011 o jogo se inverte na medida em que o número de bolsas dispara no âmbito da graduação. A saber: de 2010 a 2011 a taxa de crescimento foi de 1,66. Já a quantidade de bolsas em 2014 é aproximadamente 13,89 vezes maior que a de 2011. Por outro lado, em 2016 em relação a 2014 houve uma taxa de redução de 0,31. Infere-se que o aumento de bolsas para estudantes de graduação advém, principalmente, da implementação do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), pois após o encerramento dessa política em 2017

a taxa de redução é de 0,18. Em contrapartida, o número de bolsas para o doutorado-sanduíche voltou a crescer.

No que se refere aos programas de bolsas individuais desenvolvidos pela Capes no ano de 2024, encontramos o seguinte cenário: de um total de 16 ações, apenas 1 iniciativa destina-se aos estudantes de graduação pretos, pardos e quilombolas oriundos das licenciaturas - o Programa Caminhos Amefricanos desenvolvido na Colômbia e em Cabo Verde. As demais iniciativas estão designadas aos mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos e especialistas desenvolverem estágio internacional, expressivamente, na Alemanha, nos Estados Unidos, na Espanha, no Reino Unido e em London. Além disso, destaca-se que somente 2 programas privilegiam a cooperação internacional Sul-Sul, o Programa Leitorados Guimarães Rosa e o Programa Caminhos Amefricanos.

A prevalência da internacionalização da pós-graduação via mobilidade acadêmica é explicada por Miranda e Stallivieri (2017) da seguinte forma:

Destaca-se o fato de que **um aluno da graduação tende a não agregar tanto ao país como um aluno de pós-graduação, que está inserido na pesquisa científica e é mais capaz, dado o desenvolvimento de seu perfil de pesquisador**, de transferir o conhecimento aplicado por ocasião da sua volta ao país de origem, contribuindo para o avanço da inovação e da tecnologia (MIRANDA, STALLIVIERI, p 18, 2017, grifo nosso)

O trecho acima revela que o principal interesse da internacionalização via mobilidade é desenvolver a pesquisa científica e tecnológica no país por meio da formação de recursos humanos. Isto é, outras dimensões da experiência internacional sequer são mencionadas, como: aprendizado de uma língua estrangeira, contato com diferentes culturas, formação humana, experiência com diferentes sistemas educacionais, etc. Além disso, é precipitado afirmar que “um aluno da graduação tende a não agregar tanto ao país” já que não temos pesquisas com egressos de programas de intercâmbio internacional.

### 2.3 ÁREAS DO CONHECIMENTO INTERNACIONALIZADAS

No Brasil são poucas as iniciativas de internacionalização via mobilidade acadêmica que priorizam as ciências humanas, sociais e linguísticas (letras e artes), o que pode ser observado na configuração de alguns programas da Capes. Porém, visando constatar essa realidade em termos quantitativos, realizamos uma busca no GeoCapes:

**TABELA 2:** Distribuição de bolsistas da Capes no exterior por grande área do conhecimento (2010 - 2020)

Grande Área do conhecimento	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Total por área
Engenharias	1.183	1.650	3.153	8.210	16.771	16.211	6.976	1.891	1.754	1.618	988	60.405
Ciências Humanas	746	898	1.249	2.358	3.299	2.918	1.288	1.390	1.094	1.066	610	15.822
Ciências exatas e da terra	651	873	1.485	3.034	10.437	4.838	1.971	1.144	982	820	540	26.775
Ciências biológicas	528	716	1.092	1.653	2.306	1.970	1.008	1.151	855	763	475	12.517
Ciências da saúde	424	488	918	2.664	4.687	3.499	986	847	779	724	476	16.492
Linguística, letras e artes	431	557	906	2.221	1.369	1.325	722	661	498	486	326	9.502
Ciências agrárias	407	518	823	1.988	3.363	2.713	1.019	975	822	757	417	13.802
Ciências sociais aplicadas	404	468	846	2.736	5.096	5.048	2.226	887	793	658	414	14.480
Multidisciplinar	128	183	327	1.255	2.000	1.669	693	614	573	X	246	7.688
Área não informada	X	7	1.164	X	X	X	X	X	X	X	X	1.171
<b>Total</b>	4.902	6.358	11.963	26.119	49.328	40.191	16.889	9.560	8.150	6.892	4.492	178.654

**Fonte:** elaborado pela pesquisadora a partir dos dados disponibilizados pelo Geocapes (2024)

Em um período de 10 anos, a Capes financiou 178.654 bolsas de estudo no exterior. Com base na tabela apresentada, é possível observar que a partir de 2011 o número de bolsistas fora do país aumentou significativamente em todas as grandes áreas do conhecimento, com destaque para os anos de 2013 a 2015, totalizando 115.638. Nesse período, as áreas que mais receberam investimento foram: engenharia (41.192), Ciências exatas e da terra (18.309) e ciências sociais aplicadas (12.880).

Por outro lado, a partir de 2016, o quantitativo de bolsas de estudo diminuiu em todas as grandes áreas do conhecimento. Apesar disso, a engenharia é a única área que se mantém com um número maior de bolsas (6.976). O número expressivo de oportunidades de estudo no exterior para as engenharias pode ser explicado por meio do Programa CsF que no período de 2011 a 2017 investiu na formação internacional de estudantes das áreas ditas prioritárias para o desenvolvimento econômico e científico do país, a exemplo das engenharias e demais áreas tecnológicas. Porém, vale ressaltar que mesmo desconsiderando o período do CsF, a grande área com mais incentivo continua sendo as engenharias (5.543) em detrimento da grande área de linguística, letras e artes (1.741).

Em termos gerais, em 10 anos temos o seguinte cenário de financiamento de bolsa no

exterior por grande área do conhecimento: 1) engenharias com 60.405; 2) ciências exatas e da terra com 26.775; 3) ciências da saúde com 16.492; 4) ciências humanas com 15.822; 5) ciências sociais aplicadas com 14.480; 6) ciências agrárias com 13.802; 7) ciências biológicas com 12.517; 8) LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES COM **9.502**; 9) multidisciplinar com 7.688; 10) área não informada com 1.171.

### 3 CONCLUSÃO

Conceitualmente a internacionalização da educação superior é entendida como um “processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, funções ou entrega do ensino pós-secundário” (KNIGHT, 2004, p. 11) que visa formar sujeitos conscientes das problemáticas humanas globais em perspectiva solidária (GACEL ÁVILA; RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, 2018). Em outras palavras, é um processo que implica a transformação da universidade como um todo a partir da cooperação acadêmica com IES no âmbito nacional, regional e global.

No entanto, não é possível identificar no contexto das IES brasileiras uma internacionalização de todo o sistema, mas sim uma internacionalização ora destinada aos cursos de graduação (a exemplo do CsF) e ora voltada aos programas de pós-graduação (a exemplo do CAPES PrInt) - fase atual identificada nos programas e ações de bolsas individuais implementadas pela Capes até o momento (2024). Ademais, nossa internacionalização privilegia um grupo pequeno de instituições universitárias localizadas nas regiões Sul e Sudeste e áreas do conhecimento (engenharias, ciências exatas e da terra e ciências da saúde).

Respondendo às perguntas apresentadas no título deste texto, a internacionalização como elemento de qualidade das IES é passível de questionamentos na medida em que é orientada por rankings acadêmicos internacionais - os quais não contemplam dimensões qualitativas desse processo. Ainda, é preciso avaliar os efeitos, de fato, da internacionalização no âmbito pessoal, institucional e nacional, bem como analisar o tipo de conhecimento que está sendo produzido e para qual finalidade: fortalecer ou romper com os *status quo*.

Na corrida pela internacionalização das IES, o que prevalece é a desigualdade. As instituições já internacionais ficam mais internacionais mediante o apoio financeiro das agências de fomento - alcançando o status de universidade de classe mundial. Em contrapartida, para as demais instituições e/ou docentes resta buscar outras formas de internacionalização (internacionalização em casa pela via de mobilidade virtual, por exemplo) já que continuarão sendo avaliadas por esse indicador e penalizadas, caso não alcancem o

status internacional, por meio do escasso recurso público.

Para concluir ou continuar a conversa, nossa atual internacionalização não considera o perfil socioeconômico dos sujeitos que farão parte desse processo, pois de 33 projetos, programas e ações da Capes somente 2 buscam superar o racismo no Brasil por intermédio da formação internacional de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas, o Programa Caminhos Amefricanos e o Programa Abdias Nascimento. Ademais, continuamos fortalecendo os países hegemônicos no acolhimento de estudantes internacionais mediante a cooperação Sul-Norte. No final, criamos diferenciação e hierarquias entre as instituições internacionais X instituições locais/nacionais; áreas do conhecimento internacionalizadas X áreas do conhecimento não internacionalizadas e sujeitos com trajetórias internacionais X sujeitos com trajetória restrita ao âmbito nacional. Desse modo, o seguinte questionamento é plausível: **INTERNACIONALIZAÇÃO PARA QUE E PARA QUEM?**

**PALAVRAS-CHAVE:** Internacionalização. Educação Superior Brasileira. Política Pública. Mobilidade Acadêmica.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10112017Edital412017InternacionalizacaoPrInt2.pdf> . 2017a. Acesso em 10 jun. 2024.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **CAPES/PRINT - INDICADORES DE AVALIAÇÃO DA PROPOSTA**. 2017b. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/05042018Edital412017ANEXOIV.pdf>. Acesso em 10 jun. 2024.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **GUIA PARA ACELERAÇÃO DA INTERNACIONALIZAÇÃO INSTITUCIONAL: PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**. 2020. Disponível em: [https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/23122020\\_Guia\\_para\\_Aceleracao\\_da\\_Internacionalizacao\\_Institucional.pdf](https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/23122020_Guia_para_Aceleracao_da_Internacionalizacao_Institucional.pdf). Acesso em 10 jun. 2024.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **PROGRAMA BRASIL-ESTADOS UNIDOS DE MODERNIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA GRADUAÇÃO**. 2018 Disponível e m : <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/encontre-aqui/paises/estados-unidos/pmg-eua>. Acesso em 10 jun. 2024.

FERNANDA, L. E. A. L.; STALLIVIERI, Luciane; MORAES, Mário César Barreto. Indicadores de internacionalização: o que os rankings acadêmicos medem?. *Rev. INTER. EDUC. SUP*, v. 4, n. 1, p. 1-16, 2017

GACEL-ÁVILA, Jocelyne; RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, Scilia. **INTERNACIONALIZACIÓN DE LA EDUCACIÓN SUPERIOR EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE: un balance**. Caracas: Universidad de Guadalajara, 2018b.

- KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. **JOURNAL OF STUDIES IN INTERNATIONAL EDUCATION**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.
- MIRANDA, José Alberto Antunes de; STALLIVIERI, Luciane. Para uma política pública de internacionalização para o ensino superior no Brasil. **AValiação: REVISTA DA AValiação DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (CAMPINAS)**, v. 22, p. 589-613, 2017.
- MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização na produção de conhecimento em IES brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **EDUCAÇÃO EM REVISTA**, v. 27, p. 93-112, 2011.
- MOROSINI, Marília Costa et al. Estratégias de internacionalização de universidades brasileiras participantes do Programa Capes PrInt. **EDUCATION POLICY ANALYSIS ARCHIVES**, v. 31, 2023.
- NEVES, Clarissa Eckert Baeta; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. Internacionalização da educação superior no Brasil: avanços, obstáculos e desafios. **SOCIOLOGIAS**, v. 22, p. 144-175, 2020.
- SANTOS, Fernando Seabra; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A QUARTA MISSÃO DA UNIVERSIDADE: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Coimbra: University Press (Imprensa da Universidade de Coimbra), 2012.